



HORTA EM CRECHE ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Silvia Noelly Ramos de Araújo, Andrezza Maia de Lima, Júlia Soares Pereira
Engenharia Agrícola, Universidade, Campina Grande, Paraíba, Brasil
noelly_cg@hotmail.com, andrezzamaia2010@hotmail.com, julia_eng@hotmail.com

Resumo: Durante a pandemia pelo COVID-19, diversas iniciativas públicas e privadas tiveram que criar estratégia e adaptar-se para dar continuidade aos serviços prestados. Assim ocorreu com as atividades desenvolvidas na horta da creche municipal Walniza Borborema Cunha Lima no município de Campina Grande/PB, que transformou as dificuldades dos momentos vividos em oportunidade de integração social e promoção de uma vida mais digna as famílias carentes. O objetivo deste artigo é partilhar o trabalho desenvolvido na horta escolar em tempos de pandemia, apresentando as estratégias utilizadas pela equipe para dar prosseguimento a produção de frutas e verduras, e destinar o que antes era complemento da merenda escolar, como pequena base de apoio para famílias de alunos matriculados que estavam passando por dificuldades financeiras agravadas pelo momento em questão. Foi utilizada uma área ociosa que tinha como ponto a destinação de entulho de construção além de outros materiais inservíveis, e em pouco tempo transformou-se em uma área verde de integração para escola, família e comunidade, com aprendizagem ativa e integrada da teoria com a prática, terapia para funcionários, estímulo a alimentação saudável, dentre outros fatores que seguem em um processo de constante construção. Diante da experiência vivenciada, foi notório perceber a importância do desenvolvimento desse serviço à sociedade, especialmente sob o cenário do momento vivido, sendo essa célula ainda muito incipiente diante de tamanha necessidade, porém que possa servir como exemplo para haver mais iniciativa de projetos como esse.

Palavras-chave: horta escolar, pandemia, solidariedade, campina grande.

1. INTRODUÇÃO

Uma estratégia para enfrentar a insegurança alimentar nas cidades seria a implementação da agricultura urbana, na qual se enquadram as hortas urbanas [1]. Agricultura urbana é definida como a produção e o beneficiamento de produtos agrícolas e pecuários (hortaliças, frutas, plantas medicinais, plantas ornamentais e animais de pequeno a grande porte) em locais como quintais, lotes vagos, áreas verdes, áreas institucionais, terrenos arrendados ou emprestados. No contexto da pandemia, iniciativas envolvendo estratégias de agricultura urbana, e comercialização da produção de pequenos agricultores, foram implementadas ou expandidas em diversas cidades no Brasil e no mundo [3], [5], [6].

Períodos em crises como a vivida na pandemia COVID-19, torna-se importante repensar o ordenamento territorial e os impactos que ele traz no contexto da doença, apontando para a necessidade de



realizar ações conjuntas e intersetoriais que atendam às necessidades básicas da população, principalmente as vulneráveis. Como alternativa, a agricultura urbana tem sido indicada como estratégia de potencial para fortalecer o tecido urbano, em instrumentos que consideram o uso temporário ou permanente de vazios urbanos para este uso [4].

A partir das vivências ao longo desses anos de pandemia, é notório a necessidade de refletir e buscar estratégias de planejamento urbano, investindo cada vez mais em projetos de impacto como esse, que possam servir de mecanismo de suporte a insegurança alimentar, seja pelas dificuldades financeiras, desabastecimento da rede local, casos de saúde pública, ou quaisquer outros motivos. Portanto, o objetivo desse artigo é apresentar o trabalho desenvolvido na horta da creche Walniza Borborema Cunha Lima no município de Campina Grande/PB, que em meio ao contexto pandêmico deu continuidade as atividades de produção de frutas e verduras na horta, que era destinada a complementação da merenda, mas devido a paralização de aulas presenciais e suspensão da merenda escolar, a produção teve como destino servir como pequena base de apoio alimentar as famílias de alunos matriculados que tiveram maiores dificuldades financeiras devido as restrições do momento.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A creche municipal Walniza Borborema Cunha Lima situa-se no bairro do Acácio Figueiredo no município de Campina Grande/Paraíba, e foi inaugurada em 2016 como creche de infraestrutura modelo. Atualmente atende cerca de 223 crianças, com idade até 5 anos.

Com relação ao clima do município, Köppen faz a classificação climática como verão longo e inverno curto ao longo do ano, com temperaturas variando entre 18 e 32 °C, precipitação pluvial superior a 700 mm, e estação chuvosa ocorrendo entre os meses de maio e agosto. Nesses meses portanto, devido a maior precipitação a produção de hortaliças exige menos manutenção e consumo de água para irrigação, devendo haver maior cuidado nos meses subsequentes devido à alta radiação ao longo do dia.

A implantação da horta foi feita em 2017, tendo a professora Albanita como fundadora do projeto. O apoio técnico é realizado a partir da parceria entre secretaria de educação e a de agricultura, estando a frente desta unidade engenheiras agrícolas e agroecólogas. Além disso, contam com apoio para a manutenção diária, alguns pais voluntários e funcionários da própria creche, que fazem um revezamento de acordo com sua disponibilidade.

A área destinada para horta estava ociosa servindo como área de despejo de restos de construções e materiais inservíveis, possuindo cerca de 140 m². já o pomar, possui cerca de 80 m² e desde 2017 vem sendo ampliado com transplante de outras variedades de frutíferas.



A horta com leirões de 70 cm de largura, 15 cm de altura (altura suficiente para as culturas implantadas) e comprimento variando de acordo com o local implantado. Os espaçamentos entre canteiros foram de aproximadamente 80 cm, espaço suficiente para o trânsito de crianças e funcionários. A adubação é feita com esterco bovino e de aves, material esse cedido por pequenos produtores locais. Além disso, são continuamente preparados biofertilizantes a partir de resíduos orgânicos da cozinha, como borras de café, cascas de banana e cascas de ovo, que são materiais ricos em nitrogênio, fósforo e potássio. Quanto ao controle de pragas e doenças, seguem também a mesma proposta utilizando resíduos da cozinha, como também preparo a base de plantas, dando total segurança a quem o manuseia, bem como, ao trânsito de crianças pelo espaço verde, promovendo sempre o equilíbrio biológico no ambiente, engajado com a sustentabilidade.

Ao longo desses anos desde a sua fundação, formam sementeiras as seguintes variedades: tomate cereja, pimentão, couve manteiga, coentro, espinafre, alface, cebolinha, batata doce, beterraba, cenoura, acelga, pimenta de cheiro, berinjela, repolho roxo, quiabo, maxixe, milho, fava, jerimum, macaxeira, melão e melancia. Na farmácia viva foram plantadas cidreira, capim santo, sete dores, arruda, babosa, colônia, mastruz, manjeriço e hortelã. Já no pomar, já estavam disponíveis pés de acerola, mamão, pinha e seriguela, sendo ampliado com a implantação de mangueira, maracujazeiro, cana caiana, abacaxi, banana e laranja. Para atração dos polinizadores em diversos pontos da horta foram sementeiras girassóis e cravo de defunto, este que também era utilizado de forma a prevenir doenças no solo, como é o caso de nematoides.

A horta segue o modelo agroecológico dos cultivares de modo a favorecer o desenvolvimento das hortaliças com menor custo, haver o controle biológico de pragas e atrair polinizadores, para isso foi feito consórcio entre cultivares, rotação de culturas, uso da farmácia viva e plantas atratoras de polinizadores.

Para manter a produção contínua, são preparadas sementeiras utilizando bandejas de 200 células, que em média após 30 dias, segue para transplante a hortaliça em canteiro definitivo.

A manutenção da horta no momento de pico de pandemia, seguiu uma escala de maneira flexível, ou seja, os voluntários e técnicos faziam o revezamento caso não houvesse nenhum sintoma consigo ou com alguém próximo, era evitado a presença de mais de uma pessoa na horta, mesmo sendo um ambiente ao ar livre, para não haver riscos. Nos momentos de queda do pico pandêmico, os trabalhos eram executados com a presença de mais pessoas, mas ainda assim seguindo as diretrizes sanitárias com uso de máscara, álcool em gel e distanciamento social.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mesmo com a realização de aulas remotas e suspensão da merenda escolar, a produção de frutas e verduras não foi interrompida, havendo sempre mão de obra para as manutenções necessárias de todo espaço. A produção que antes era destinada a cozinha da creche, passou a ser doada aos pais que estavam em momento de insegurança alimentar. A seleção dos contemplados se dava por meio do contato da direção da escola diretamente com os representantes. A cada colheita eram selecionadas 10 famílias por vez, cada representante se dirigia a creche no dia e horário marcado para evitar aglomeração de pessoas no momento do recebimento das doações.



Figura 1. Recepção dos funcionários para entrega das doações as famílias



Figura 2. Doação das hortaliças aos pais

Vale aqui acrescentar, que nos momentos dos encontros virtuais com os alunos, uma das maiores queixas estava na falta de verduras, frutas e suco nas refeições, diferentemente do que era oferecido na merenda escolar. Fato que se deve tanto a cultura dos pais como pela dificuldade financeira enfrentada pelas famílias forçando assim a alteração no hábito alimentar, conforme é apontado por [2] durante a pandemia da COVID 19, 10% das famílias brasileiras tiveram que diminuir o consumo de hortaliças devido a diminuição da renda familiar. [5] aponta sobre a importância da implementação de projetos



como esse sob a perspectiva social e de saúde integral em especial seu potencial de contribuição frente a situações de crise, como a pandemia.

A manutenção de todo o espaço composto por horta, farmácia viva e pomar, foi feito de maneira contínua, e em momentos de menor pico na pandemia, mais voluntários abraçavam o projeto para dar maior celeridade a produção. Cabe ressaltar ainda, que o momento enfrentado por todos foi bastante difícil, desencadeando em alguns fatores relacionado a ansiedade e/ou depressão, tornando o espaço verde da creche e os momentos de manutenção como refúgio, podendo ser denominado como “horta terapia”. De todo modo, foi perceptível o engajamento de toda comunidade no desenvolvimento deste projeto, adotando um sistema colaborativo com revezamento de tarefas, e até a doação de materiais que pudessem ser úteis a horta, valores assim também observado por [7].



Figura 3. Técnicos e professores na manutenção da horta

A Figura abaixo apresenta o registro feito por uma professora a partir de uma videochamada realizada pela aluna que queria acompanhar virtualmente o trabalho desenvolvido na horta, o momento é marcado pela saudade latente e o desejo no retorno das atividades presenciais e a volta do contato de toda comunidade escolar com o espaço verde da creche. [8] afirmaram que a medida que precisamos nos reinventar para manter vivo o projeto, redescobrimos diferentes formas de trabalhar e enxergar a Educação Ambiental, para além do espaço físico da escola e da horta pedagógica. Experimentar o novo nos fez despertar para outras possibilidades de aprender e ensinar, de sentir e vivenciar a natureza.



Figura 4. Participação dos pequenos nas aulas remotas da horta

Assim como os alunos da creche do Walniza, outras unidades escolares por todo o Brasil tiveram que adaptar seu projeto de horta para modalidade de ensino remoto, assim como [9] concluíram que obtiveram resultado positivo com os alunos, o que ficou evidenciado que mesmo de forma remota os alunos mantiveram-se engajados com a participação no projeto.

4. CONCLUSÃO

Foi um grande desafio manter as atividades que antes eram presenciais, tornando de modo remoto, sobretudo, para as atividades com a horta. O que foi de comum compreensão foi que o uso de estratégias pedagógicas e ferramentas tecnológicas possibilitaram uma boa interação aluno-escola no momento da pandemia, dando oportunidade a manutenção do vínculo, mesmo sem sair de casa, entre crianças e o meio ambiente. Embora as práticas ao ar livre torne um momento mais agradável e essas atividades possibilitem o fortalecimento dos laços socioambientais, a modalidade remota foi positiva, pois permitiu que o projeto continuasse despertando interesse, envolvimento e a criatividade dos alunos.



5. AGRADECIMENTOS

Aos voluntários pela contribuição com a manutenção de todo o espaço.

As secretarias de agricultura, meio ambiente e educação do município de Campina Grande pela parceria.

6. REFERÊNCIAS

- [1] ALBERTIN, R. M.; AUGUSTO, D. C.; MUBAI, B. A.; DE ANGELIS, B. L. D.; SILVA, M.; SILVA, F. F.; ANGEOLETTO, F. Hortas Urbanas De Maringá (PR): Estudo socioeconômico dos produtores e perceptivo dos transeuntes. **Boletim de Geografia**, v. 34, n. 2, p. 98-115, 2016.
- [2] CANELA, E. S.; CRIANÇA, E. S.; NEBO, C. Impacto da pandemia da covid-19 na produção e consumo de hortaliças no sudeste do Pará. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 7, p. 1-19, 2021.
- [3] COSTA, P. Usos temporários em tempos de pandemia: o Drive-in como ferramenta exploratória. **Finisterra**, v. 55, n. 115, p. 145-151, 2020.
- [4] DELGADO, C. A crise como oportunidade para repensar o Ordenamento Territorial. **Revista Jatobá**, Goiânia, v. 2, e-65645, 2020.
- [5] SPERANDIO, A. M. G.; BONETTO, B.; LIMA, T. F.; GUARNIERI, J. C. Cidades pequenas e agricultura urbana no contexto da pandemia covid-19. **Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**. v. 6, n. 20, p. 313-327, 2022.
- [6] URBINLAB. Desafios, conflitos e oportunidades para a Cidade em tempos de COVID 19. Lisboa. Disponível em: http://urbinlab.fa.ulisboa.pt/images/2020/URBinLAB_COVID_2020.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.
- [7] BRITO, L. G. A.; CARDOSO, M. C.; FROTA, M. M. R.; BERTOLDI, L. N. Processo de criação de uma horta comunitária orgânica em espaço subutilizado de uma creche: relato de experiência do projeto Calanguinho. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, Curitiba. v. 5, n. 1, p. 1424-1430, 2022.
- [8] ARRUDA, H. M. A.; SOUSA, J. M.; OLIVEIRA, J. A. D.; COSME, A. S. Horta pedagógica e educação ambiental nas infâncias: da implementação à pandemia do covid-19. In: VII Congresso Nacional de Educação. CONEDU, 2022. **Anais... VII Congresso Nacional de Educação**. CONEDU, 2022.
- [9] CEDRAZ, L. O.; SILVA, F. L. O.; CARVALHO, M. S.; OLIVEIRA, G. J. S. Projeto de Horta Escolar Aplicado e Forma Remota Durante a Pandemia da Covid-19. In: II Congresso de Educação a

IV SUSTENTARE & VII WIPIS
WORKSHOP INTERNACIONAL
Sustentabilidade, Indicadores e Gestão de Recursos Hídricos
de 16 a 18 de novembro de 2022

EVENTO GRATUITO TOTALMENTE ONLINE

Realização:
UNIVERSIDADE PAULISTA

Apoio:
PCJ
Agência das Bacias PCJ

CONBRAED

COMITÊ PCJ

Distância – Online. CONBRAED, 2022. **Anais...** II Congresso de Educação a Distância – Online. CONBRAED, 2022.